

A formação de Maria Eugenia Celso como leitora

The formation of Maria Eugenia Celso as a reader

La formación de Maria Eugenia Celso como lectora

Carla Bispo Azevedo¹

Resumo: A escritora Maria Eugenia Celso (1886-1963) mostrou-se presente no espaço público com sua produção literária. Favorecida pelos contatos intelectuais com sua família, teve acesso privilegiado a uma vasta biblioteca. Desta forma, busca-se refletir sobre a formação leitora de Maria Eugenia Celso, destacando-se os autores de sua preferência e o ambiente letrado do qual fazia parte. O presente estudo configura-se como uma pesquisa documental e bibliográfica, ancorada nos pressupostos teóricos de Chartier (1996). As análises desenvolvidas basearam-se em um documento da Revista Vida Doméstica, e dados sobre as obras dos autores favoritos da escritora. Observa-se a contribuição desses autores na produção literária de Maria Eugenia Celso.

Palavras-chave: Maria Eugenia Celso; Apropriação de leitura; Formação de leitores.

Abstract: The writer Maria Eugenia Celso (1886-1963) showed herself present in the public space with her literary production. Favored by intellectual contacts with her family, she had privileged access to a vast library. In this way, we seek to reflect on the reading formation of Maria Eugenia Celso, highlighting the authors of her preference and the literate environment of which she was part. This study is configured as a documentary and bibliographic research, anchored in the theoretical assumptions of Chartier (1996). The analyzes developed were based on a document from Vida Doméstica Magazine, and data on the works of the writer's favorite authors. The contribution of these authors in the literary production of Maria Eugenia Celso is observed.

Keywords: Maria Eugenia Celso; Appropriation of reading; Formation of readers.

Resumen: La escritora Maria Eugenia Celso (1886-1963) se mostró presente en el espacio público con su producción literaria. Favorecida por los contactos intelectuales con su familia, tuvo acceso privilegiado a una vasta biblioteca. De esta forma, se busca reflexionar sobre la formación lectora de Maria Eugenia Celso, destacándose los autores de su preferencia y el ambiente alfabetizado del cual formaba parte. El presente estudio se configura como una investigación documental y bibliográfica, anclada en los presupuestos teóricos de Chartier. Los análisis desarrollados se basaron en un documento de la Revista Vida Doméstica, y datos sobre las obras de los autores favoritos de la escritora. Se observa la contribución de estos autores en la producción literaria de Maria Eugenia Celso.

Palabras clave: Maria Eugenia Celso; Apropiaación de lectura; Formación de lectores.

Introdução

Nas primeiras décadas do século XX, a escritora Maria Eugenia Celso (1886-1963) mostrou-se presente no espaço público com sua produção literária na imprensa e na publicação de livros. Provavelmente favorecida pelos contatos intelectuais com sua família, em especial com seu pai, Conde Afonso Celso, que possuía uma vasta biblioteca na qual Maria Eugenia

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Celso teve acesso privilegiado a publicações brasileiras e estrangeiras, como ilustram as obras de José de Alencar e de Paul Verlaine.

Em entrevista concedida à *Revista Vida Doméstica* (1925), a escritora é interpelada sobre sua iniciação nas letras e como se revelou escritora. As respostas apresentam pontos relativos à sua formação cultural desde a infância, com a exposição de alguns motivos que possam ter influenciado sua condição de escritora. Desta forma, busca-se refletir sobre a formação leitora de Maria Eugenia Celso, destacando-se os autores de sua preferência e o ambiente letrado do qual fazia parte na infância e na juventude, e como esses fatores contribuíram para sua formação como escritora.

O presente estudo configura-se como uma pesquisa documental e bibliográfica, ancorada nos pressupostos teóricos de Chartier (1996) a partir do conceito de apropriação e protocolos de leitura, no qual pontua a importância de “dar à leitura o estatuto de uma prática criadora, inventiva, produtora e não anulá-la no texto lido, como se o sentido desejado por seu autor devesse inscrever-se no espírito de seus leitores, com toda imediatez e transparência, sem resistência nem desvio no espírito de seus leitores”. Acrescenta ainda que “os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido” (CHARTIER, 1996, p. 78).

Diante desta perspectiva, a prática de leitura considera um leitor que atribui sentido e significado ao que lê, através do contexto social e cultural no qual o leitor está inserido, indicando uma relação de apropriações diversas com o suporte de leitura. Neste trabalho indicase algumas considerações sobre a leitora Maria Eugenia Celso, a partir de uma entrevista concedida à *Revista Vida Doméstica*, onde Maria Eugenia Celso expõe dados sobre sua formação como leitora e escritora.

Isto posto, propõe-se a organização deste texto em três seções, que pretendem abordar, respectivamente: dados biográficos e da produção literária de Maria Eugenia Celso e sua formação leitora, destacando os autores de sua preferência.

Maria Eugenia Celso: uma intelectual na literatura

Maria Eugenia Celso nasceu em dezenove de abril do ano de 1886², na cidade de São João Del Rey. Mudou-se para cidade de Petrópolis ainda no período de sua infância, junto com seus pais. Falece no dia seis de setembro de 1963, na cidade do Rio de Janeiro. A escritora pertenceu a uma família de notoriedade política, econômica e cultural³. Seu pai foi o Conde Affonso Celso, sua mãe a Condessa Eugenia da Costa Celso e seu avô era o Visconde de Ouro Preto.

Sua formação escolar deu-se no Colégio Notre Dame de Sion, em Petrópolis. Esta instituição era destinada somente à educação feminina, e o ensino era ministrado por freiras, em sua maioria, estrangeiras. Além de instrução, as freiras se preocupavam com a formação moral e religiosa de suas alunas, que saíam do colégio preparadas para tornarem-se mães e esposas exemplares, professoras e mesmo religiosas da própria Congregação de Sion. As alunas tinham aulas de Português e Literatura Portuguesa; Inglês, Francês, Latim e Literatura Estrangeira; História Geral e do Brasil; História da Arte, da Música, das Ciências, da Filosofia e da Igreja; Biologia; História Natural; Zoologia; Mineralogia; Geografia; Matemática, Geometria, Álgebra e Trigonometria; Física e Química. Além dessas disciplinas, elas tinham aulas de Desenho, Música, Pintura, Ginástica e Prendas do lar.

A escritora esteve presente na sociedade à época com participações em diferentes instituições. Na década de 1920, Maria Eugenia Celso atuou de forma mais intensa na imprensa do Rio de Janeiro como colaboradora em diferentes periódicos. Destacando-se a *Revista da Semana*, *Fon fon*, *O Malho*, *Correio da Manhã*, *O Cruzeiro*, *O Jornal*, *Jornal do Comercio e Jornal do Brasil*, no qual trabalhou durante quarenta e cinco anos. Apresentou também programas nas rádios Sociedade, Nacional e Jornal do Brasil.

² Dados biográficos da escritora Maria Eugenia Celso foram extraídos de: AZEVEDO, Carla Bispo. **Maria Eugenia Celso**. Rio de Janeiro: GRUPEEL, 2022 (Verbete) e AZEVEDO, Carla. Bispo. **Maria Eugenia Celso**: entre o impresso feminino, a casa e o espaço público (1920-1941). Moldova: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

³ Com destaque para o pai e avô que exerceram funções de relevância no espaço público, com titulações de destaque concedidas no período imperial, respectivamente, Conde Afonso Celso e Visconde de Ouro Preto. Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, natural de Ouro Preto, MG, nasceu em 31 de março de 1860 e veio a falecer no Rio de Janeiro, RJ, a 11 de julho de 1938. Filho do Visconde de Ouro Preto, último presidente do Conselho de Ministros do Império, e de D. Francisca de Paula Martins de Toledo, é um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras. Coursou a Faculdade de Direito de São Paulo na qual colou grau em 1880. Defendeu na ocasião a tese “Direito da Revolução”. O Visconde de Ouro Preto, Afonso Celso de Assis Figueiredo, nasceu em Ouro Preto, MG, em 21 de fevereiro de 1837, e faleceu em Petrópolis, RJ, em 21 de dezembro de 1912. Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo (1858). Foi Jurista, tendo a política como sua principal ocupação. Deputado provincial, em 1864 elegeu-se deputado-geral, sendo sempre reeleito até 1879, quando foi escolhido, pelo Imperador, em lista tríplice, para o Senado. Na Câmara, onde foi líder de sua bancada, destacou-se na luta pela Abolição do cativeiro e pela reforma eleitoral.

No âmbito da educação, atuou na Comissão Nacional de Literatura Infantil e, em 1925, se torna sócia mantenedora da Associação Brasileira de Educação (ABE)⁴, na qual participa de eventos patrocinados por essa instituição. Em 1927 observa-se a inserção de Maria Eugenia Celso no campo do movimento feminista, quando se torna membro da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino⁵, e, em 1930 é eleita vice-presidente desta organização. Em 1928 apresenta uma palestra inaugural no ciclo de conferências, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que tinha por objetivo dar visibilidade a diversos aspectos da atuação das mulheres no Brasil.

Formação leitora da intelectual Maria Eugenia Celso

Maria Eugenia Celso teve inserções em diferentes instituições da sociedade da época em que viveu. Desta forma, a escritora pode ser apontada como uma intelectual, visto que pertenceu a uma família de influência no cenário político e cultural da época, o que proporcionou, inclusive, o contato com uma elite intelectual. Ademais, frequentou espaços de prestígio social à época, como o Instituto Histórico e Geográfico, Associação Brasileira de Educação (ABE), assim como teve incisiva participação na imprensa como colaboradora constante de periódicos diversos. Neste sentido, Miceli (2001, p. 17) sublinha: “Em termos concretos, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais”.

No tocante à imprensa, participou de maneira ativa desta produção cultural como colaboradora, mas também se beneficiou dela para maior visibilidade no espaço público. Como exemplo tem-se a entrevista concedida à *Revista Vida Doméstica*⁶, no ano de 1925, na qual a

⁴ Organização criada em 1924, foi fruto do movimento organizado de cientistas e intelectuais da época. Sua finalidade era promover a difusão e o aperfeiçoamento da educação e cooperar com as iniciativas que viessem ao encontro desse objetivo. Informações em: Arquivo da ABE. ATAS Conselho Diretor 1924 a 1927. Disponível em: <http://www.museudaeducacao.org.br/br/acervo-do-museu.html> Acesso em: 15 jul. 2023.

⁵ A Federação foi uma entidade civil criada no Rio de Janeiro, no ano de 1922, por iniciativa de um grupo de mulheres de classe média, de elevada escolaridade e conhecedoras dos rumos dos movimentos feministas na Europa e nos Estados Unidos. As primeiras ações empreendidas pelas mulheres deste grupo estavam voltadas, em especial, para a conquista do direito ao voto. Informações em: SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Erico Vital. (orgs.). **Dicionário mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 218-225.

⁶ Vida Doméstica era uma publicação mensal da Sociedade Gráfica Vida Doméstica. Ela foi fundada em 1920, por Jesus Gonçalves Fidalgo, e sua circulação se encerrou no ano de 1963. Nos anos inaugurais, a revista voltava-se diretamente para o universo familiar doméstico. Informações em: SANTOS, Liana Pereira Borba dos. **Mulheres e revistas**: a dimensão educativa dos periódicos femininos *Jornal das Moças*, *Querida* e *Vida Doméstica* nos anos 1950. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011, p. 36.

escritora relata dados gerais de sua biografia, da relação com seu pai Afonso Celso e de sua iniciação nas letras, ponto que será destacado para atender as propostas desse estudo.

A reportagem intitula-se *Maria Eugenia Celso: brilhante poetisa e prosadora patricia, que honra a literatura feminina no Brasil*, a reportagem traz também algumas fotografias de Maria Eugenia Celso. Como se observa:

Figura 1: Entrevista com Maria Eugenia Celso

VIDA DOMESTICA
Revista do Lar e da Mulher

Outubro — 1925

Maria Eugenia Celso
Brilhante poetisa e prosadora patricia,
que honra a literatura feminina no Brasil

Das nossas escritoras d. Maria Eugenia Celso, digna filha do sr. Conde de Affonso Celso, é uma figura de alta e nobre expressão intellectual e social, como se sabe por toda gente. Poetiza, já nos deu dois livros brilhantes que a collocaram num plano literario raras vezes attingido pelas mulheres que se dedicam ás musas; prosadora, falla por nós o seu admiravel **Vicentinho**, cujas paginas commovidas tanto nos sensibilizam e enlevam. Neste livro uma alma e um coração de mãe puzeram o que em si havia de maior ternura e saudade.

Ha dias, visitando á illustre escritora patricia, fizemo-lhe algumas perguntas cujas respostas se destinavam á **Vida Domestica**. D. Maria Eugenia Celso não pôz nenhuma duvida em attender-nos.

— “Onde nasceu?” Esta pergunta é, quase sempre, a melhor de se fazer, quando queremos informar aos leitores algo acerca de uma personalidade. Feita, pois, esta primeira pergunta, iniciou-se a entrevista para este magazine.

— Nasci em São João del-Rey, em Minas, pois minha familia tanto do lado paterno quanto materno é mineira.

Embora tendo muito garbo n’isto, não conheço a minha terra que, aliás tambem não me conhece, tendo me naturalizado carioca desde creança de collo. Carioca e petropolitana, pois, foi em Petropolis que fui educada e onde passei toda minha infancia e adolescencia; é natural, por conseguinte, que lhe queira tanto bem quanto ao nosso Rio.

— Seria curioso dizer-nos como se iniciou nas letras, como se revelou, enfim, escritora...

— Como me fiz escritora?... Mas eu não me fiz escritora, não houve premeditação nenhuma no facto. Foi o destino que me pôz uma penna na mão, compensação talvez de nunca me ter permitido aos pés, dançar como a todas ás outras, pois é preciso não esquecer que eu sou a **Minha Filha**. As infancias doentes, a que um defeito physico cohibe a natural turbulencia e torna dolorosamente precoces no soffrimento, conhecem uma riqueza de vida interior que a generalidade ignora. O sonho é seu refugio natural. A sorte muito cedo me ensinou a sonhar, afim de esquecer que não podia correr... A sonhar e a ler... Meu pai sempre teve uma grande biblioteca, 7 a 8000 volumes; fui criada no meio d’elles. Ouvia constantemente falar em livros ao redor de mim. Minha avó, a Viscondessa de Ouro Preto, fazia versos. Meu Pai... não lhes preciso dizer quem é meu pai, não é verdade?... E foi assim que, por hereditaria tal vez, ou para me consolar de não ter sido tão travessa quanto queria, desde pequena, fiz versos tambem. Eram pavorosos os primeiros, mas denunciavam a vocação... Mais tarde quando citavam George Sand, Maria Amalia Vaz de Carvalho, Harriet Beecher-Stowe, D. Julia Lopes de Almeida, um palpitado de ambição me sublevava... Havia de escrever tambem... mas muito depois, já nos confins do futuro... e um bello dia, quando menos esperava, estava escrevendo!... Vocação... destino...

— Quaes os autores que prefere?

— Os autores que prefiro? Os que têm commigo alguma affinidade, os finos, os subtile, os ironicos, os tristes... Tive em creança uma verdadeira intoxicação de Alencar; depois, de Eça de Queiroz. Como gosto muito de ler, porém repito sempre Sully Prud’homme, Verlaine, Daudet, Anatole, Musset, La Rochefoucauld...

A brilhante escriptora patricia d. Maria Eugenia Celso Junto á sua mesa de trabalho

Tres aspectos colhidos na bibliotheca

43

Fonte: Vida Doméstica. Outubro de 1925, p. 43

A introdução da entrevista registra um texto laudatório para apresentar a escritora Maria Eugenia Celso:

Das nossas escritoras d. Maria Eugenia Celso, digna filha do sr. Conde de Affonso Celso, é uma figura de alta e nobre expressão intellectual e social, como se sabe por toda gente. Poetiza, já nos deu dois livros brilhantes que a collocaram num plano literário raras vezes attingido pelas mulheres que se dedicam às musas, prosadora falla por nós o seu admirável Vicentinho, cujas páginas commovidas tanto nos sensibilizam e enlevam uma alma e um coração de mãe puzeram o que em si havia de maior ternura e saudade (MARIA..., 1925, p. 43).

Neste excerto são exaltados, principalmente, as expressões intelectual e social de Maria Eugenia Celso, com destaque para sua escrita que a coloca *num plano literário* raro. Na sequência, ressalta-se um de seus livros, *Vicentinho*, dando relevância ao aspecto da maternidade de Maria Eugenia Celso. Este livro, publicado em 1925, foi escrito em homenagem ao seu filho Vicente Afonso, que, acometido por uma doença, veio a falecer com um pouco mais de um ano de vida.

A reportagem registra também imagens da escritora. A foto central, na parte superior, traz Maria Eugenia em sua mesa de trabalho, dando destaque para disposição de objetos para a escrita e para a decoração. Observa-se também um porta-retratos de uma criança, provavelmente de seu filho Vicentinho. As fotos que ocupam a parte inferior da página expõem, conforme a própria legenda descreve: *três aspectos colhidos na biblioteca*. Desta forma, evidencia o ambiente leitor, a formação de Maria Eugenia Celso como leitora, ressaltando a inclinação intelectual. Nas cenas dispostas, há uma estante com vasta quantidade de livros, bem como um local que sugere um espaço propício e acolhedor para a leitura.

Nesta perspectiva, Roger Chartier (1996) traz considerações sobre representações de leitores a partir de imagens: “na tradição, o livro é decoração e a biblioteca, sinal de um saber ou um poder” e que as imagens retratam também o “próprio ato da leitura, que supõe uma relação íntima entre um leitor e um livro” (CHARTIER, 1996, p. 90). Neste sentido, as fotografias apresentadas reforçam a imagem de Maria Eugenia Celso como leitora e detentora de um poder associado ao acesso aos livros e a leitura.

Dentre as perguntas da referida entrevista, destaca-se a que Maria Eugenia Celso é interpelada sobre sua iniciação nas letras e como se revelou escritora. A resposta apresenta

pontos relacionados a sua história desde os primeiros anos de vida, como os trechos que seguem destacam:

Como me fiz escritora?... Mas eu não me fiz escriptora, não houve premeditação nenhuma no facto. Foi o destino que me pôz uma penna na mão, compensação talvez de nunca ter permitido aos pés, dansar como a todas às outras, pois é preciso não esquecer que sou a **Minha Filha**. As infancias doentes, a que um defeito physico cohibe a natural turbulencia e torna dolorosamente precoces no soffrimento, conhecem uma riqueza de vida interior que a generalidade ignora. O sonho é seu refugio natural. A sorte muito cedo me ensinou a sonhar, afim de fazer esquecer que não podia correr... A sonhar e a ler... Meu pai sempre teve uma grande biblioteca, 7 a 8000 volumes: fui criada no meio d'elles. Ouvia constantemente falar em livros ao redor de mim. Minha avó, a viscondessa de Ouro Preto, fazia versos. Meu pai... não lhes preciso dizer quem é meu pai, não é verdade?... E foi assim que, por hereditariedade talvez, ou para me consolar de não ter sido travessa quanto queria, desde pequena, fiz versos tambem. Eram pavorosos os primeiros, mas denunciavam a vocação... Mais tarde quando citavam George Sand, Maria Amalia Vaz de Carvalho, Harriet Beecker-Stowe, D. Julia Lopes de Almeida, um palpar de ambição me sublevava...Havia de escrever tambem...mas muito depois, lá nos confins do futuro...e um bello dia, quando menos esperava, estava escrevendo!... Vocação... destino... (MARIA..., 1925, p. 43).

No excerto, são expostos alguns motivos que possam ter influenciado sua condição de escritora, como a hereditariedade expressa nas figuras de sua avó e seu pai: *Meu pai sempre teve uma grande biblioteca, 7 a 8000 volumes: fui criada no meio d'elles. Ouvia constantemente falar em livros ao redor de mim. Minha avó, a viscondessa de Ouro Preto, fazia versos.* Menciona, ademais, o ambiente que favorecia a leitura e sua condição física, que apresentava algumas limitações: *a sorte muito cedo me ensinou a sonhar, afim de fazer esquecer que não podia correr... A sonhar e a ler.* Bem como a ambição de escrever a partir de alguns exemplos de escritores que admirava. Sugere também que a escrita surge de forma natural, por vocação ou destino.

Dando sequência à interlocução, Maria Eugenia Celso responde sobre os autores de sua preferência, como se observa no trecho que segue:

Os autores que prefiro? Os que têm commigo alguma afinidade, os finos, os subteis, os irônicos, os tristes...Tive em creança uma verdadeira intoxicação de Alencar; depois de Eça de Queiroz. Como gosto muito de reler. Porém repito sempre Sully Prud' homme, Verlaine, Daudet, Anatole, Musset, La Rochefoucauld... (MARIA..., 1925, p. 43).

Ao enumerar os autores preferidos, a escritora esclarece que a escolha ocorre por afinidade e cita, em sua maioria, autores de origem francesa, excetuando José de Alencar, autor

brasileiro, e Eça de Queiroz, português. Isto posto, na sequência, notam-se dados biográficos e literários dos autores citados. Inicia-se com os autores franceses: Sully Prud' homme, Verlaine, Daudet, Anatole, Musset, La Rochefoucauld.

Rene François Armand Prudhomme⁷ (1839-1907), poeta francês. Nasceu em Paris a 16 de março de 1839 e faleceu em Châtenay-Malabr a 6 de setembro de 1907. Ele queria ser engenheiro, mas uma doença ocular interrompeu sua formação em um instituto politécnico. Estudou literatura e ingressou na advocacia, embora sem muita convicção, e trabalhou em um escritório de advocacia. Sully Prudhomme era membro da Conference La Bruyère, uma distinta sociedade estudantil, e a recepção favorável que seus companheiros deram à sua juventude o encorajou a continuar escrevendo poesia. Seu primeiro volume, *Stances et Poèmes* (1865) [Estâncias e Poemas], foi bem revisado por Sainte-Beuve e estabeleceu sua reputação. Sully Prudhomme combinou uma consideração parnasiana pela perfeição formal e elegância com interesses filosóficos e científicos, que são revelados, por exemplo, em sua tradução do primeiro livro do *De Rerum Natura* de Lucrécio (1878-79). Algumas de suas outras obras poéticas são: *Croquis Italiens* (1866-68) [Caderno Italiano]; *Solidões* (1869); *Impressions de la guerre* (1870) [Impressões da Guerra]; *Les Destins* (1872) [Destinos]; *La Révolte des fleurs* (1872) [Revolta das Flores]; *La France* (1874); *Les Vaines Tendresses* (1875) [Vain Endearments]; *La Justice* (1878); e *Le Bonheur* (1888) [Felicidade]. *Les Epaves* (1908) [Flotsam], publicado postumamente.

Paul Verlaine (1844-1896)⁸, nascido em 30 de março de 1844, Metz, França - falecido em 8 de janeiro de 1896, Paris. Poeta lírico francês associado inicialmente aos parnasianos e mais tarde conhecido como um líder dos simbolistas. Com Stéphane Mallarmé e Charles Baudelaire formou os chamados Decadentes. No Lycée Bonaparte em Paris, ele mostrou habilidade e aos 14 anos enviou seu primeiro poema existente *La Mort* ao “mestre” poeta Victor Hugo. Obtendo o bacharelado em 1862, com distinção na tradução do latim, tornou-se escriturário de uma companhia de seguros, depois da prefeitura de Paris. O tempo todo ele escrevia versos e frequentava cafês e salões literários, onde conheceu os principais poetas do grupo parnasiano e outros contemporâneos talentosos, entre eles Mallarmé, Villiers de L'Isle-Adam e Anatole France. Seus poemas começaram a aparecer em suas críticas literárias; o primeiro, *Monsieur Prudhomme*, em 1863. Três anos depois, a primeira série de *Le Parnasse*

⁷ MLA style: Sully Prudhomme – Biographical. **NobelPrize.org**. Nobel Prize Outreach AB 2023. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1901/prudhomme/biographical>. Acesso em: 18 jul. 2023.

⁸ UNDERWOOD, Vernon Philip. **Encyclopedia Britannica**, 26 mar. 2023, Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Verlaine-Paul>. Acesso em 17 de julho de 2023.

contemporain, uma coleção de peças de poetas contemporâneos, continha oito contribuições de Verlaine.

Alphonse Daudet⁹ (1840-1897) nascido em 13 de maio de 1840, Nîmes, França e falecido em 16 de dezembro de 1897, Paris. Contista e romancista francês, lembrado principalmente como o autor de contos sentimentais da vida provinciana no sul da França. Escreveu seu primeiro romance, *Le Petit chose* em 1868. Tendo se tornado jornalista, Daudet publicou uma coleção de poemas *Les Amoureuses*. Em 1862, Daudet publica a primeira de suas 17 peças, *La Dernier Idole*. Dois anos depois, ele fez várias estadias na Provença. Ele se inspirou na região de sua infância para escrever seus contos e descobriu o moinho de Saint-Pierre em Bouches-du-Rhône, o que o levou a escrever as famosas Cartas de meu moinho (1866), algumas de cujas histórias se tornaram famosas. Também desta coleção, o drama *L'Arlésienne* foi apresentado ao público em 1872.

Louis-Charles-Alfred de Musset¹⁰ (1810-1857), nasceu em 11 de dezembro de 1810, Paris e faleceu em 2 de maio de 1857, Paris), dramaturgo e poeta romântico francês, mais conhecido por suas peças. A autobiografia de Musset, *La Confession d'un enfant du siècle* (1836; A Confissão de uma Criança do Século), embora não totalmente confiável, apresenta um quadro impressionante da juventude de Musset como membro de uma família nobre, bem-educado, mas governado por suas emoções em um período em que todos os valores tradicionais estavam sob ataque. Ainda adolescente, foi influenciado pelos líderes do movimento romântico - Charles Nodier, Alfred de Vigny e Victor Hugo - e produziu sua primeira obra, *Contes d'Espagne et d'Italie* (Histórias da Espanha e da Itália) em 1830. Ele foi eleito para a Académie Française em 1852.

Francisco VI, duque de La Rochefoucauld¹¹ (1613-1680), também chamado (até 1650) Príncipe de Marcillac, nascido em 15 de setembro de 1613, Paris, França. Tornou-se um escritor reconhecido, influente e rico dos mais rebeldes ativos da Fronda antes de se tornar o principal expoente da máxima, uma forma literária francesa de epigrama que expressa uma verdade dura ou paradoxal com brevidade.

Jacques Anatole François Thibault, mais conhecido como Anatole France, foi um dos maiores escritores franceses da época da Terceira República. Nasceu em Paris, em 16 de abril

⁹ Bornecque, Jacques-Henry. "Alphonse Daudet". **Encyclopedia Britannica**, 9 May. 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Alphonse-Daudet>. Acesso em: 17 jul. 2023.

¹⁰ THE EDITORS of Encyclopaedia Britannica. "Alfred de Musset". **Encyclopedia Britannica**, 28 Apr. 2023, Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Alfred-de-Musset>. Acesso em: 19 jul. 2023.

¹¹ MOORE, Will G. "François VI, duc de La Rochefoucauld". **Encyclopedia Britannica**, 11 Sep. 2022, Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Francois-VI-duke-de-La-Rochefoucauld>. Acesso em: 19 jul. 2023.

de 1844, e faleceu em Saint-Cyr-sur-Loire, em 12 de outubro de 1924. Foi considerado também um dos mais importantes críticos literários de sua época. Seu pai, François Noël Thibault, homem modesto e simples, possuía uma livraria especializada em livros e documentos sobre a Revolução Francesa, frequentada por muitos escritores e estudiosos. Dessa forma, Anatole France cresceu em um ambiente bastante erudito, o que despertou seu gosto pelos livros.

Além das leituras de autores franceses, Maria Eugenia Celso destacou dois autores de outras nacionalidades: o português Eça de Queiroz e o brasileiro José de Alencar.

José Maria Eça de Queiroz (1845-1900)¹² nasceu em 25 de novembro de 1845, em Póvoa do Varzim, Portugal. Ele fez faculdade de Direito, exerceu a advocacia, atuou como cônsul e se tornou um dos mais famosos escritores portugueses. Devido à sua carreira diplomática, morou em Cuba, Inglaterra e França. O romancista, que faleceu em 16 de agosto de 1900, em Paris, escreveu obras pertencentes ao Realismo. Seus livros, portanto, apresentam antirromantismo, objetividade e uma análise crítica da sociedade portuguesa do século XIX. Essas características estão presentes também em seu romance *O primo Basílio*, uma de suas obras mais famosas. Algumas de suas obras: *O Crime do Padre Amaro* (1875); *O Primo Basílio* (1878); *O Mandarin* (1879); *A Relíquia* (1887); *Os Maias* (1888).

José Martiniano de Alencar (1829-1877)¹³, advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo, nasceu em Messejana (atual bairro de Fortaleza), CE, em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de dezembro de 1877. É o patrono da cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras, por escolha de Machado de Assis. Ainda em 1856, publicou o seu primeiro romance conhecido: *Cinco minutos*. Em 1857 publicou, em folhetins, *O Guarani*, que lhe granjeou grande popularidade. Daí para frente escreveu romances indianistas, urbanos, regionais, históricos, romances-poemas de natureza lendária, obras teatrais, poesias, crônicas, ensaios e polêmicas literárias, escritos políticos e estudos filológicos. Outras obras de sua autoria: *A viuvinha* (1860); *Lucíola* (1862); *Senhora* (1875); *Iracema* (1865); *O gaúcho* (1870); *Guerra dos mascates* (1873).

¹² ACADEMIA Brasileira de Letras (ABL). Disponível em: <https://www.academia.org.br/eventos/eca-de-queiros-e-o-brasil>. Acesso em 19 de julho de 2023.

¹³ ACADEMIA Brasileira de Letras (ABL). Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar/biografia>. Acesso em 19 de julho de 2023.

Como se observa, Maria Eugenia Celso pôde ter contato com escritos de diferentes escolas literárias: romantismo¹⁴, parnasianismo¹⁵ e simbolismo¹⁶ no âmbito da literatura francesa, o que contribuiu para ampliação de seu repertório como escritora. Tal influência pode ser exemplificada com a publicação do livro *Jeunesse*¹⁷, do ano de 1938, com poesias no idioma francês.

Em relação aos autores Eça de Queiroz e José de Alencar, dá-se destaque a nuance do romantismo, observada no escritor brasileiro. Maria Eugenia Celso se alinha a esse movimento literário, com escrita de poesias e poemas de fundo romântico, que compõem a maioria das suas publicações em livros e em periódicos. É na escrita de romances, em especial o livro *Diário de Ana Lúcia*¹⁸, que retrata o cotidiano de uma mulher casada que, insatisfeita com a vida monótona que levava, passa a relatar fatos provenientes da sua imaginação, confidenciando ao leitor discursos circulantes sobre a educação da mulher na sociedade vigente.

Considerações finais

A escritora Maria Eugenia Celso teve acesso privilegiado a um ambiente leitor que se caracteriza materialmente por ter em sua residência uma grande biblioteca e do ponto de vista interativo pela convivência com familiares leitores e escritores, o que possibilitou sua formação como leitora e escritora. Sua formação no Colégio Sion configura-se também como oportunidade privilegiada, inclusive na oferta do ensino da língua francesa.

O acesso à leitura e à educação institucionalizada a distingue de mulheres que não tiveram acesso à leitura por condições sociais e por padrões ainda vigentes em uma sociedade

¹⁴ O romantismo no Brasil inicia-se no ano de 1836. Pontua também algumas características do romantismo no país, como o sentimento religioso como garantia da função moral da poesia; imitação direta da natureza, não dos textos clássicos; rejeição das formas fixas a favor das estrofes livremente organizadas, em poemas sem molde prévio, para assegurar liberdade ao discurso. CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas / FLCH / SP, 2002, p. 20-27.

¹⁵ Trata-se de um movimento literário surgido na França na primeira metade do séc. XIX, constituindo uma reação contra o romantismo, contra o excesso de sentimentalismo, visando despersonalizar ou objetivar a poesia. Informações em: TRILHO, Lurdes Aguiar: s.v. “Parnasianismo”, **E-Dicionário de termos literários** (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em: 19 jul. 2023.

¹⁶ Movimento simbolista encontra na literatura francesa a sua referência fundamental. 1886, vinte anos depois de ter saído o Parnasse Contemporain e vinte e três antes do Manifesto Futurista de Marinetti, apareceu “Le Symbolisme” de Jean Moréas, que o publica, como acontecerá depois com Marinetti, em Le Figaro. Neste manifesto considerasse que o simbolismo é um resultado da própria evolução da literatura, admitindo-se que essa evolução é cíclica. O que o caracteriza, segundo Moréas, são as metáforas estranhas, o vocabulário novo harmonicamente sustentado e aberto à valorização do ritmo. GUIMARÃES, Fernando: s.v. “Simbolismo”, **E-Dicionário de termos literários** (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>, Acesso em: 19 jul. 2023.

¹⁷ CELSO, Maria Eugenia. **Jeunesse**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1938.

¹⁸ CELSO, Maria Eugenia. **O diário de Ana Lúcia**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1941.

patriarcal, na qual havia a prevalência de uma educação feminina voltada para as prendas domésticas. Como ressalta Pinsky (2012):

A primeira metade do século XX, parecia não haver dúvidas de que as mulheres eram, ‘por natureza’, destinadas ao casamento e à maternidade. Considerada parte integrante da essência feminina, esse destino surgia como praticamente incontestável. A família era tida como central na vida das mulheres e referência principal de sua identidade: uma moça solteira era, sobretudo, ‘a filha’, uma senhora casada, ‘a esposa’. A dedicação ao lar, decorrência óbvia e inescapável, fazia do papel de ‘dona de casa’ parte integrante das atribuições naturais da mulher (PINSKY, 2012, p. 470-471).

Maria Eugenia se fez presente em espaços de notoriedade à época a sociedade na primeira metade do século XX, principalmente por seus escritos, exemplificado na sua produção literária e na colaboração com a imprensa periódica. Neste sentido, infere-se que a formação leitora da escritora contribuiu para sua inserção no universo da cultura escrita em âmbito público.

Referências

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

MARIA Eugênia Celso: brilhante poetisa e prosadora patricia, que honra a literatura feminina no Brasil. **Vida doméstica**: revista do lar e da mulher, p. 43, out. 1925.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **Nova história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 469-512.

Sobre a autora

Carla Bispo Azevedo: Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ (PROPED/UERJ), é mestre em Educação pela mesma instituição, com dissertação defendida em março de 2015. Bolsista de doutorado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Possui licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é professora do primeiro segmento do ensino fundamental na Escola Municipal Paroquial Nossa Senhora do Loreto, integrando o quadro permanente de funcionários da Secretaria Municipal de Educação (SME). Profissional com 26 anos de experiência no magistério. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino e aprendizagem. Áreas de interesse: História da Educação; História do impresso; Impresso feminino; Educação feminina. Participante do grupo de pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL/CNPQ).
E-mail: carlinha_fla@hotmail.com

Recebido em: 25 jul. 2023

Aprovado em: 16 mar. 2024